

NÃO QUERIA QUE ISTO FOSSE UM ADEUS À ESBAP

— diz mestre Júlio Resende na sua «última aula»

«Não queria que isto fosse um adeus à instituição que tanto está dentro de nós. — exclamou, ontem, mestre Júlio Resende ao dar a sua «última aula» de Pintura na Escola Superior de Belas-Artes do Porto (ESBAP). Atingido pelo limite de idade (está prestes a completar 70 anos), Resende transformou o acto numa «auto-reflexão sobre o que foram 30 anos de trabalho».

Falando no auditório da ESBAP para um grupo numeroso que incluía muitos dos seus alunos e docentes, para além de figuras em destaque na vida cultural da cidade, Júlio Resende confessou «um certo pesar» que sentia na ocasião e lamentou as «condições obsoletas de trabalho» que ali tinha, sem um lugar para se sentar ou pôr um chapéu.

A sessão, que durou por todo de uma hora, iniciou-se com Dario Alves, presidente do Conselho Directivo da ESBAP e, a seguir, com uma breve intervenção de J. Mateu-Chaves, que aludiu à lei do chamado limite de idade manifestando, em síntese, que neste caso a lei devia ser transgredida.

Mestre Júlio Resende, na sua «última aula», evocou todo o seu passado naquela escola, desde há 50 anos, quando começou a frequentá-la como aluno, e depois, inesperadamente, nestes últimos 30 anos, como docente. Disse então que nele ainda subsistiam «as grandes dúvidas» agora, na aula de despedida, tanto quanto na sua primeira aula.

Falando de constrangimento, declarou que «não há regresso para se ensinar pintura, arte, talvez nem sequer técnicas. Citou Da Vinci («A pintura é coisa mental») e Platão («O Belo é o esplendor da Verdade») — mas o que é a verdade? — questionou. «A pintura, hoje, é espaço de profunda reflexão do Mundo no dizer e no fazer» — disse.

«Muito aprendi com os jovens»

Mestre Júlio Resende estabeleceu a relação do artista com a docência, concluindo pela «complementaridade» entre os dois papéis.

das duas acções. Valorizou em especial a experiência por ele obtida no ensino preparatório e secundário e, depois de «30 anos a investigar e mais íntimo do indivíduo-aluno» no sentido de auto-nominalizar-lhe a individualidade, Resende declarou: «Abraçar o grande sonho desta escola e muito aprendi com os jovens».

Satisfeito que a multiplicidade dos posicionamentos dos antigos alunos é paradigma da ESBAP, o mestre de Pintura, que ali regerá matérias como Cerâmica e outras, tendo paralelamente participado em praticamente todos os seus órgãos de gestão, recordou mestres como Barata Feyo, Carlos Ramos, Adolfo Lino e Dordio Gomes, entre outros, entre colegas e antigos alunos que firmaram carreira, alcançando renome.

Procurando caracterizar a sua atitude de docência, Júlio Resende considerou que cada aluno é um universo, que se revelará, ou não, no entendimento necessariamente cósmico. Remeteu-se para aquilo que cada um deles tem dentro de si face ao Mundo e citou Diderot: «No Mundo, cada país, no país, cada provincia; na provincia, cada terra; na terra, cada individuo; no individuo, cada instante tem a sua fisionomia, a sua expressão».

«Escola não serve para fazer obras bonitas»

Na sua exploração, mestre Resende declarou: «Esta escola não serve para fazer obras bonitas».

escola deixou de servir para fazer obras para deleite, obras bonitas».

Prosseguindo, o artista-docente recordou, em jeito de «balanço», de modo especial, as comemorações do bicentenário da ESBAP, em que participou activamente e que se prolongaram por mais de um ano, o primeiro encontro ibérico das faculdades e escolas de belas-artes, com exposições em Vigo e Sevilha e variados esforços para fazer reconhecer oficialmente os cursos ministrados na ESBAP, até que, finalmente, a Escola Superior de Belas-Artes do Porto passou a ser da portada da Universidade.

Enfim, «a criação da Reforma de 1987 está prestes a desprender-se das amas de uma escola que foi feita para voar», disse. E acrescentou:

«A escola do futuro será predominantemente a da reflexão, procurando especular com as formas visuais, em sintonia com os diversos avanços e permitindo aplicações práticas sem múltiplas exigências que têm a ver com o «bem-estar» psicológico, espiritual e, também, material do homem».

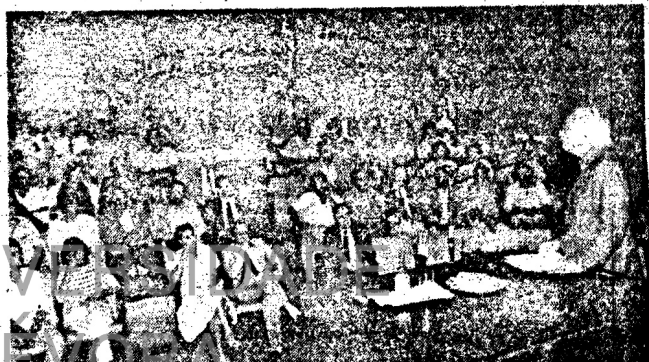
«Arte como significado cultural»

Para Júlio Resende, «o Mundo de hoje e a importância da arte como significado cultural não são desconhecidas».

Uma questão que disse muito o inquietar, enunciou-a deste modo: «Que humanismo para nós, humanos no limiar do século XXI-7».

A concluir a sua «última aula», mestre Resende declarou:

«Será com uma palavra de confiança que termine esta excitante caminhada nos espaços da escola. Confiança nos jovens pintores portugueses que, num grau de difíceis condições em que investigam, são tão bons e afirmativos como os dos grandes centros. Confiança nos colegas docentes, que



Na sua «última aula», mestre Júlio Resende confessou-se tão constrangido quanto na primeira que deu, há trinta anos. E fez um «balanço» aos cinquenta anos que ali viveu. (Foto de Maro).

multo preso, nas suas qualidades, no seu entusiasmo e na sua inteligência, que vão permitir agora o espírito da escola lançada para mais amplos desígnios. Confiança nos tão prestimosos funcionários que ela tem. Em suma, confiança neste colectivo que tem desta instituição

tuído um dos grandes pilares do centro da cultura portuguesa».

Citou, por fim, estas palavras de Paul Eluard: «A paixão de pintar sempre se assemelha, à de viver pelos outros e para os outros. O artista aspira a entender, compreender e ser entendido, compreendido. Mostra-se a si mesmo e mostra o Mundo. Pintar é uma ligação, uma prova de existência, mas, igualmente, de confiança nessa existência».

Os presentes foram convidados a seguir e assinaram um livro de homenagem a mestre Júlio Resende.

Diá

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31

Ensino Antigo - Esc. sup. Belas Artes do Porto

